

Matronas afro-pacíficas no território-água de resistências latinas



» JULIANA CÉZAR NUNES
Jornalista e doutora em poder e processos comunicacionais (UnB). Faz parte da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial do DF (Cojira-DF)

As mulheres negras brasileiras estão em movimento com o propósito de realizar, em novembro, a segunda Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver. Dez anos depois da primeira marcha, o desafio é construir um processo que gere mais conexões, reconhecimentos, agendas e estratégias para reivindicação de direitos.

Em meio a essa construção e no marco do Dia Mundial da Água, pesquisadoras e ativistas negras recebem de presente um livro que traz as vivências de mulheres negras latino-americanas sob o olhar da antropóloga Paula Balduino de Melo, professora do Instituto Federal de Brasília, diretora de políticas para quilombolas e ciganos do Ministério da Igualdade Racial e integrante da irmandade Pretas Candangas.

Matronas Afro-pacíficas: tramas da resistência da fronteira Colômbia-Equador será lançado no próximo dia 27, às 17h, pela Editora da Universidade de Brasília (UnB), na livraria da UnB, Campus Darcy Ribeiro. O lançamento promete trazer as cores e os sabores afro-pacíficos, algo que o livro oferece em abundância. São cerca de 600 páginas de um riquíssimo e envolvente relato de vivência etnográfica, baseado na tese de doutorado da pesquisadora, que é fruto de uma caminhada acadêmica com o anseio de conhecer a diáspora africana em outros pontos da América.

O resultado é um texto que possibilita às mulheres negras brasileiras, acostumadas a ser tão atlânticas, perceberem que é possível transbordar no “território-água” (termo conceituado pela autora) e fazer conexões entre outros rios, mangues e mares habitados, disputados e intensamente vividos.

Ao contar histórias de marisqueiras, parteiras, curandeiras, rezadeiras e cantadoras, Paula Balduino propõe reflexões preciosas sobre as identidades afrodescendentes latino-americanas. Ao mesmo tempo, revela como as “matronas afro-pacíficas” constroem redes de irmandade política e afetiva, conectando o ambiente doméstico ao domínio público e tornando-se lideranças em organizações afro/negras, de mulheres e de mulheres negras. Tudo isso em uma região marcada pela violência contra as mulheres e as disputas entre facções criminosas ligadas às guerrilhas e ao narcotráfico, que atravessaram a autora durante sua experiência de campo.

As matronas afro-pacíficas refletem a tradição de resistência feminina negra. Elas constroem uma territorialidade fluida, o “território-água”, que tanto nos remete à força das yabás, quanto desafia as dicotomias entre rural e urbano, privado e público. Em meio a contextos de violência sociopolítica, essas mulheres mantêm vivos os circuitos de reciprocidade e solidariedade.

As reflexões de Paula são permeadas por ricos diálogos com autoras negras como Lélia González, que, desde sempre, nos convida a pensar sobre a amefricanidade, e Jurema Werneck, que propõe um referencial afrocentrado de luta das mulheres a partir da ialodês do samba. Ainda é chamada para a “roda” de conceitos a autora norte-americana bell hooks, que

tão lindamente escreveu sobre o amor no contexto da luta política e coletiva das mulheres.

As concepções de referências do pensamento de mulheres negras se misturam com as vozes poderosas de mulheres como a equatoriana Inês Morales, nascida às margens do Rio Bogotá e fundadora do Movimento de Mulheres Negras do Norte de Esmeraldas, e Eva Lucia, liderança na região do Rio Mira e uma das principais articuladoras do Processo de Comunidades Negras no Pacífico Sul colombiano.

As chaves de leitura propostas por Paula Balduino de Melo nos permitem dizer que, sem dúvida, seu livro já “nasce” como uma referência. O texto nos inspira a ampliar o olhar e a pensar afrolatinas sob outras categorias e perspectivas de futuro. Nessa linha, vale destacar o Festival Latinidades, que nasceu em Brasília, há 18 anos, nos meses de julho, sob a direção da produtora cultural e jornalista Jaqueline Fernandes, contribui para trocas entre as afrolatinas de vários países, inclusive com a colaboração da autora do livro.

Rios e mares das mulheres seguem o caminho do encontro, aumentando ainda mais a força das águas. As histórias das afrolatinas evidenciam resiliência e capacidade de articulação em diferentes contextos. As narrativas destacam a importância de reconhecer e valorizar as múltiplas formas de protagonismo das mulheres negras na história e na contemporaneidade, seja na construção de identidades negras, no combate ao racismo e, especialmente, na busca pelo bem-viver ou simplesmente “viver saboroso”.

Como muito bem nos convida a antropóloga colombiana Mara Viveros-Vigoya no prefácio do livro, que tenhamos “ouvidos atentos e sensíveis à força e ao poder das vozes das matronas afro-pacíficas”.

Impacto dos aplicativos de serviços na construção civil



» GUILHERME COSTA
Engenheiro civil, pós-graduado em gestão de obras (IMT) e em administração (FGV)

Nos últimos anos, a construção civil no Brasil tem enfrentado um grande desafio: a escassez de mão de obra qualificada. Essa realidade tem provocado impactos profundos no setor, com atrasos nos cronogramas das obras, aumento nos custos e, muitas das vezes, comprometimento da qualidade dos serviços. Entre os diversos fatores que contribuem para esse cenário, um se destaca cada vez mais nas discussões: a crescente concorrência com setores como os serviços de transporte e delivery. A atração de profissionais para essas áreas tem desviado uma parte significativa da mão de obra que, tradicionalmente, estaria empregada na construção civil.

Vale lembrar que o setor de construção civil sempre foi um dos pilares da economia brasileira, empregando uma grande quantidade de trabalhadores em diversas funções. No entanto, a escassez de profissionais qualificados nesse setor tem se tornado uma realidade crescente nos últimos anos. Segundo a pesquisa nacional Sondagem da Construção, feita mensalmente pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), em fevereiro de 2024, 25,7% dos empresários do setor estavam preocupados com a escassez de profissionais qualificados.

Nos últimos anos, a popularização de aplicativos de transporte e entrega tem moldado um novo perfil de trabalhador no Brasil. A flexibilidade de horários e a possibilidade de trabalhar de maneira autônoma atraem muitos profissionais que buscam uma forma mais dinâmica e com menos exigências de qualificação técnica.

Esse modelo de trabalho se tornou ainda mais atrativo com o avanço do e-commerce, principalmente impulsionado pela pandemia de covid-19. Segundo dados da Associação Brasileira de Mobilidade e Tecnologia, em 2023, cerca de 1,27 milhão de pessoas estavam trabalhando como motoristas e outras 385 mil, como entregadores de aplicativos. Além disso, a velocidade de retorno financeiro e a flexibilidade de horários são pontos que fazem com que muitas pessoas escolham trabalhar para esses aplicativos em vez de se dedicar a setores mais tradicionais.

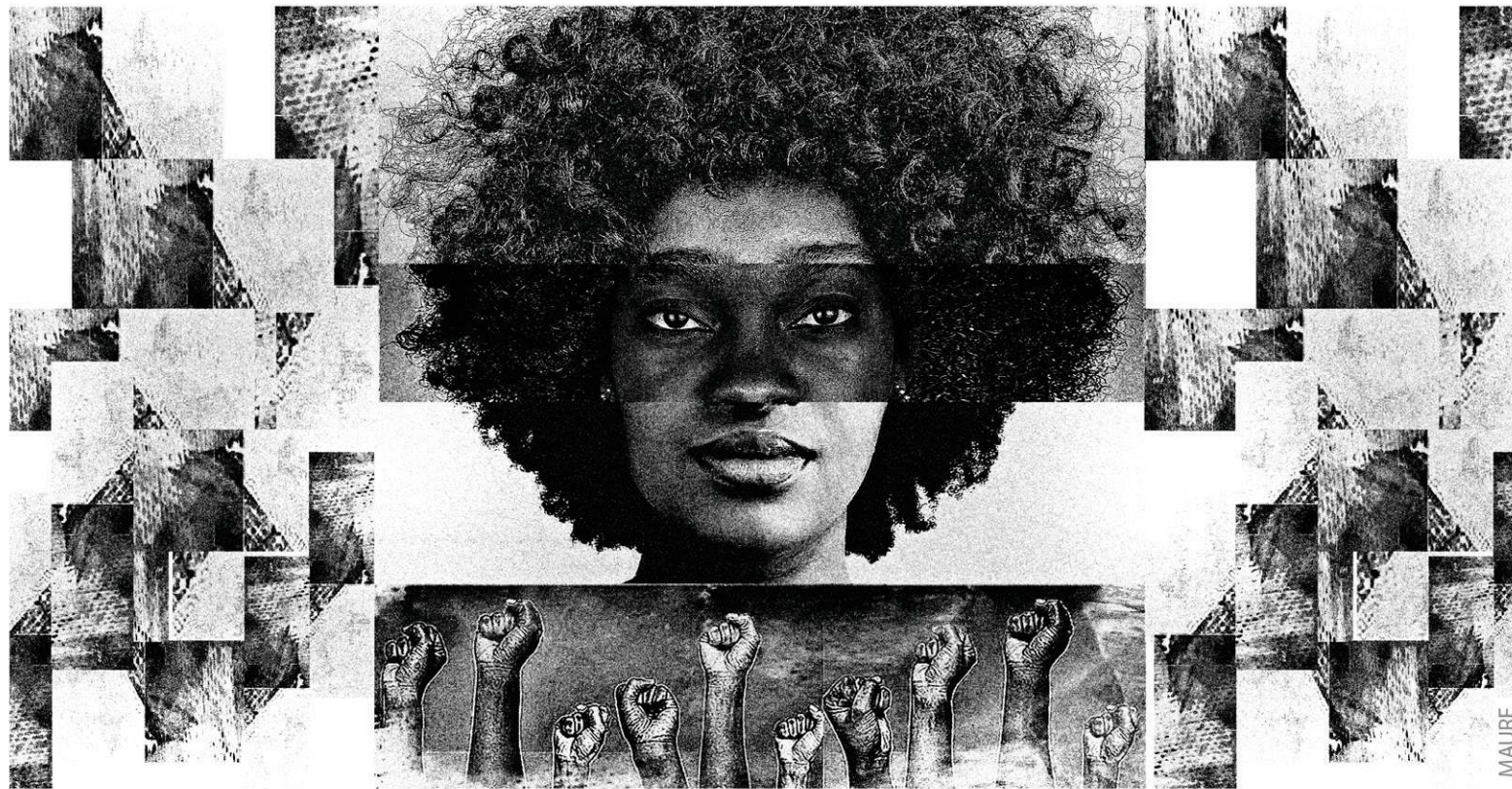
Vale ressaltar também que trabalhar com aplicativos de entrega não é nenhum mar de rosas. Muitos desses profissionais têm rotinas extremamente desgastantes, passando até 12h por dia dentro de um carro ou em cima de uma moto, trabalhando de domingo a domingo, tirando alguns minutos para almoçar. Sem falar nos riscos que correm no trânsito e o alto índice de estresse diário. Alguns, por morarem em localidades muito afastadas dos grandes centros, acabam dormindo dentro do próprio carro para, no outro dia, começar a rodar novamente e fazer suas entregas ou viagens com passageiros. Na construção civil, esses mesmos profissionais podem ter seus direitos garantidos e uma jornada de trabalho mais organizada e com tempo de descanso remunerado.

Diante desse cenário, desenvolver algumas estratégias para reter esses talentos é de suma importância. Salários mais justos, por exemplo, é uma forma de tornar o setor de construção civil mais atrativo. Com o aumento da necessidade de profissionais para atender à crescente demanda por obras e infraestrutura, a tendência é de que a valorização salarial se torne uma prática cada vez mais comum. Além disso, muitos trabalhadores buscam estabilidade e segurança no emprego, o que pode ser garantido por meio de contratos mais formais e benefícios, como planos de saúde, transporte e alimentação, que melhoram a qualidade de vida no ambiente de trabalho.

Outro ponto importante para atrair trabalhadores é a criação de planos de carreira claros e acessíveis, com oportunidades reais de crescimento dentro da empresa, o que motiva o trabalhador a permanecer no setor e a buscar qualificações para ascender a cargos de maior responsabilidade e remuneração. Programas de capacitação, com foco em habilidades operacionais específicas, também contribuem para o desenvolvimento do trabalhador, oferecendo mais chances de desenvolvimento profissional.

Por fim, a maior preocupação com a segurança no ambiente de trabalho, por meio de treinamentos e equipamentos adequados, ajuda a minimizar riscos e melhora a confiança dos trabalhadores, tornando a profissão mais atraente e sustentável a longo prazo.

É preciso entender que a escassez de mão de obra qualificada na construção civil é um desafio crescente e multifacetado. A concorrência com setores como o de transporte e delivery, que oferecem condições de trabalho mais flexíveis e salários competitivos, tem agravado essa situação. No entanto, existem soluções que podem ser adotadas para mitigar esses problemas, como o investimento em qualificação profissional, a melhoria das condições de trabalho, os direitos trabalhistas assegurados, além da adoção de novas tecnologias. Essas medidas são essenciais para garantir que a construção civil continue sendo um setor competitivo e capaz de atender à crescente demanda por obras e infraestrutura no Brasil.



O bonde da história



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

Nos últimos dias, foram realizadas merecidas homenagens aos políticos que trabalharam no sentido de o brasileiro poder comemorar hoje os 40 anos da redemocratização. O Brasil, vez por outra, produz esses milagres: um deles foi a transição do poder militar para o civil sem que tenha havido tiros, bombas ou prisão, nem mesmo a tradicional censura à imprensa. O movimento foi obra de uma turma de políticos experientes, calmos e tocados pelo mesmo desafio: o governo dos militares pressionava a todos por igual e significava o fim da política.

Havia, portanto, um adversário comum, que não raro agia como inimigo; torturava, matava, exilava. Os jovens de hoje não conheceram os rigores daquela época. Os discursos dos apologistas das soluções radicais de direita não conheceram a censura de imprensa, nem viveram os momentos angustiantes da falta de expectativas da juventude. O Brasil cresceu na economia cheio de desigualdades que políticos não foram capazes de consertar nos tempos democráticos. Acabou a hiperinflação, o país ganhou uma moeda forte, a administração federal foi razoavelmente modernizada, mas o país continuou a ser o legítimo herdeiro do velho do Restelo, personagem imortal de Camões nos *Lusíadas*.

Os portugueses fizeram suas incríveis navegações sob intensa desconfiança dos próprios cidadãos. Era essa a voz ouvida no cais em Lisboa, “isso não vai dar certo”. O pessimismo era generalizado. As navegações estabeleceram feitorias nos pontos mais longínquos do mundo para criar pontos de comércio. Jamais tentaram colonizar o interior. O Brasil durante muitos anos viveu apenas na sua costa. Até hoje, os políticos não conseguem enxergar horizonte mais amplo para o país, que permanece com quase 50% de seu território intocado. A única preocupação, meia-verdade, é conservar a Amazônia, mas ninguém se lembra de tomar posse efetiva do território, conquistá-lo e integrá-lo à economia e à sociedade nacionais.

A herança portuguesa é muito forte, tanto no pessimismo quanto na burocracia. As decisões são demoradas e profundamente conservadoras, quando não são reacionárias, no sentido estrito da palavra. Reagem ao novo. O presidente Juscelino Kubitschek rompeu com essa inércia e abriu o caminho para o Centro-Oeste e o Norte. Mas os que vieram depois decidiram estacionar no tempo. Jânio chamou a rodovia Belém-Brasília de estrada das onças, hoje uma via muito movimentada e cheia de cidades de médio porte. Aliás, na Transamazônica foi criada nos anos setenta as agrovilas. Uma delas, chamada de presidente Médici, é hoje conhecida como Medicilândia. É a maior produtora de cacau do Brasil, e o estado do Pará ultrapassou a Bahia na produção dessa fruta. E também tem pimenta, açaí, gado, arroz e outras manifestações de resistência brasileira ao conservadorismo da política nacional. Aos trancos e barrancos, o país vai se reconhecendo e assumindo suas responsabilidades no seu vasto território.

Quando, afinal, o Ministério do Meio Ambiente e seus controlados permitir que a Petrobras inicie a exploração do petróleo na Margem Equatorial, haverá uma natural expansão da economia na região, situação que o país nunca viu ocorrer: desenvolvimento sustentável na Região Norte. Amapá, Roraima, Amazonas e Pará tendem a se beneficiar muito não apenas dos royalties, mas dos negócios que envolvem a atividade de extração do petróleo. Os países árabes que eram desertos improdutivos na década de trinta do século passado, hoje, como consequência do petróleo, exibem nível de vida invejável. É razoável imaginar que os brasileiros do Norte tenham a oportunidade, também, de desfrutar do desenvolvimento nacional.

Os perigos da nova era não se resumem na eventual aventura militarista. Há de tudo. Trump ao norte, Javier Milei ao sul, globalização interrompida, quebra das redes de fornecimento e produção, redes de comércio fragmentadas, a necessidade de crescer muito e rapidamente na área de informática, e tudo que se relaciona com esse novíssimo segmento do conhecimento humano. Os parlamentares brasileiros retornaram no tempo, estão preocupados com suas questões provinciais. A direita, organizada em torno de um capitão iletrado, sem qualquer experiência administrativa, discute assuntos marginais aos grandes temas brasileiros.

O país das próximas décadas será necessariamente muito diferente do atual. Quem não se organizar vai simplesmente desaparecer. A história está cheia de exemplos de pessoas, instituições e países que foram engolfadas pelo rápido processo de desenvolvimento. É o bonde da história. É o desafio de nele embarcar ou ficar bebendo no bar discutindo futebol.